

---

## RESENHA

---

### DESINTERESSE, INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA DOS ALUNOS OU CONTRA OS ALUNOS?

Patrícia Cristina Amorim de Carvalho\*

---

SILVA, César Augusto Alves da. *Além dos muros da escola: as causas do desinteresse, da indisciplina e da violência dos alunos*. Campinas-SP: Papirus, 2011. 240 p.

O autor deste livro, César Augusto Alves da Silva, é paulistano, mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) e doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Possui licenciatura plena em História, lecionando há mais de dez anos no ensino público estadual nos níveis fundamental II, médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O livro “*Além dos muros da escola: as causas do desinteresse, da indisciplina e da violência dos alunos*” é o resultado da pesquisa da dissertação de mestrado realizada na PUC de São Paulo, orientada pelo Dr. Mário Sérgio Cortela e prefaciador da obra.

Ao realizar uma reflexão crítica sobre as causas do desinteresse dos alunos pelo ensino aprendizagem o autor aborda a questão para além da escola ao retratar a dificuldade e o desinteresse pela cultura letrada que está fora da escola. Menciona que este é um dos efeitos perversos do modo de vida contemporâneo, imediatista, em que as pessoas estão imersas em uma lógica de irreflexão, padronização, repetição, onde os exemplos estão configurados na imagem de celebridades de pouca escolarização. Neste sentido, há uma reprodução de mundo avesso àquele necessário para que as pessoas se interessem pela educação escolar.

Quanto ao desinteresse pela educação escolar ele apresenta falas dos alunos ao dizer: “Não gosto de estudar porque fico seis aulas sentado na cadeira

---

\* Mestranda do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba – MS. Contato: patricia\_cac@ig.com.br

escrevendo professor gritando”; “Os professores são irritantes porque falam demais”; “Estudar é preciso paciência”; “Eu tenho que vir obrigado para a escola” “Eu não gosto de estudar porque os professores falam demais e a gente quais um mês falando da mesma coisa” [...]. Ao perceber a inquietação e o desencanto desses alunos com a escola e com o professor, ele articulou esse discurso com a sua atuação e experiência como professor da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo e de pesquisador e buscou entender as causas do desinteresse, da indisciplina e da violência para além dos limites dos muros da escola e quais fatores desencadeiam nos jovens esse descontentamento e desprezo ao ensino formal que resultam, muitas vezes, em ataques de fúria ao patrimônio escolar e aos professores.

Silva afirma que muitos desses alunos que se negam a realizar tarefas relacionadas à educação formal, por menos extensas que sejam, (muitas vezes, apenas realizam desenhos, que, segundo ele, é outra evidência da influência empobrecedora da cultura imagética contemporânea), como também apresentam comportamentos desprovidos de humanidade. Esses jovens, quando ingressam no mercado de trabalho acabam se transformando em pessoas submissas e subalternas, amantes das regras estabelecidas, dóceis, ordeiras, seguindo cegamente as diretrizes que mantêm seus empregos.

De acordo com o autor, o desinteresse dos alunos pela educação formal pública emerge do tipo de organização econômica e social que privilegia uma cultura empobrecedora, desarticulada de um contexto sociocultural letrado que está fora da escola e que pode despertar o interesse e o envolvimento dos jovens, que carecem vislumbrar múltiplas possibilidades de crescimento.

Com efeito, menciona que a maior dificuldade enfrentada, atualmente, por alunos e professores no processo de ensino e aprendizagem não está dentro da sala de aula ou na escola, mas fora dela. Nesse sentido empreende um caminho de análise que vai na contra-mão da maioria dos estudos sobre as razões do fracasso escolar.

O autor parte do microcosmo da escola voltando-se ao macrocosmo do sistema econômico, a fim de entender as causas do amplo e quase total desinteresse por tudo aquilo que se refere à cultura letrada, um dos efeitos perversos de nosso modo de vida contemporâneo, segundo sua análise.

Ao elaborar respostas que transcendam os muros da escola, Silva dividiu sua obra em quatro capítulos. No primeiro, denominado “*A racionalidade técnica do capitalismo Industrial: dominação e regressão do ser humano*”, ele concebe o desenvolvimento técnico moderno como fruto da razão iluminista

tornando-se um elemento fundamental para o capitalismo. Essa razão intencionava libertar o homem da falta de autonomia e liberdade que faziam parte de seu cotidiano, advinda da opressão que controlava o ser humano, alimentando em seu interior o medo e mantendo-o na ignorância em relação aos fenômenos naturais. Todavia, contraditoriamente, ajudou a erigir um sistema que o trancou nas masmorras do pensamento único matemático, que esquadrinha, mensura, calcula e domina tudo e todos, sob os serviços da indústria capitalista, produtora de mercadorias. Na formação social capitalista, o ser humano perde sua liberdade por meio de um sistema econômico que se utiliza de recursos técnicos e uma lógica inumana e que não ofereceu possibilidades ao indivíduo para desenvolver as características inerentes à sua condição de homem, transformando-o num autônomo produtor e consumidor de mercadorias.

No segundo capítulo, Silva aprofunda a análise dos efeitos técnicos, provenientes da ciência, principal aliada da indústria capitalista na formação do ser humano moderno e contemporâneo. Discute os efeitos negativos para a prática das atividades, dos pensamentos e vida em sociedade dos indivíduos em detrimento da difusão das facilidades provocadas pelos aparatos produzidos pela indústria, que objetiva obter altos ganhos, sem a mínima preocupação com a formação dos cidadãos. O advento das técnicas encurtou os processos requeridos para a produção e reprodução da vida, tornando-os mais rápidos. Assim, tudo está previamente pronto para ser usado ou deglutido rapidamente. A reflexão, a calma e a paciência necessárias para constituir uma idéia, uma crítica, uma visão de mundo e um conceito, ou para ler e produzir um texto, são completamente perdidas e, com elas, o interesse e o significado da educação formal.

O terceiro e o quarto capítulo são dedicados à apresentação da pesquisa e análises dos relatos dos alunos à luz da indústria cultural, que juntamente com a técnica e a tecnologia tornaram-se catalizadoras do capitalismo, o homem consumidor de mercadoria, em busca de um status, uma posição social por meio do ter e não por meio do ser. A mercadoria conferindo-lhe “respeito” e inveja de seu semelhante, além do prazer, divertimento, gozo e poder. Um objeto de cobiça que na perspectiva do capitalismo coloca a pessoa em evidência, aproxima e relaciona as outras “mercadorias”: as pessoas.

Neste sentido, a educação formal, segundo o autor, perde espaço, pois não oferece a certeza do prazer imediato, além disso, educar do ponto de vista do produtor/consumidor é um processo penoso, que implica dedicação e aceitação de limites e não oferece garantias do recebimento de mercadorias ao final do processo.

Portanto, segundo o autor, o comportamento oriundo da cultura capitalista torna-se incompatível com o processo educativo formal que exige calma, concentração, dedicação, empenho e cuidado em suas realizações. Na sociedade contemporânea, sobretudo consumista, a reflexão torna-se absolutamente dispensável.

Silva conclui que as quatro ou cinco horas diárias numa escola pública não serão capazes de conduzir os seres humanos, considerados mercadorias, ao caminho da verdadeira humanidade, livre das barbáries que reinam cotidianamente entre as pessoas, pois acabam por se inserir na cultura da sociedade produtora de mercadorias, tornando-se gradativamente avessos à educação formal.

Finalizando, evidencia que os discursos defensores de que o país necessita de educação para se desenvolver, ou que devemos agir todos pela educação, são hipócritas e servem para mascarar os problemas estruturais de um sistema educacional excludente por natureza. Salienta que o bordão da inclusão é um mito, utilizado para fazer com que os incautos e ingênuos acreditem.

Esta obra é um referencial para educadores e pesquisadores ao produzir uma reflexão corajosa sobre a cultura letrada que se encontra fora da escola e sua intersecção com o ensino aprendizagem, oferecendo fundamentos e indicadores importantes para a análise crítica da ação político-pedagógica e das práticas educativas de educadores preocupados com a formação escolar.